



3. Conto do Náufrago



CONTO DO NÁUFRAGO





3.1. Proveniência, datação e localização dos manuscritos. Sinopse



CONTO DO NÁUFRAGO





O *Conto do Naufrago* surge num único manuscrito: o *Papiro 1115* do Museu do Ermitage Imperial de São Petersburgo. Este facto e a total ausência de eco da existência deste conto no seu tempo, impede-nos de avaliar qual o seu impacto junto dos seus contemporâneos. É um papiro provavelmente da XII dinastia. Independentemente da datação literária poder ser anterior, W. Golénischeff, comparando com os papiros do *Conto do Camponês Eloquentes*, da *História de Sinuhe* e dos *Diálogo de um desesperado com o seu pai*, acredita que todos eles são coevos do quarto rei da XII dinastia ou posteriores, tendo sido escritos na mesma época¹. Tem um comprimento de 3,80 metros e cerca de 12 cm de largura, encontra-se em perfeito estado de conservação e apresenta 189 linhas intactas, 136 verticais e 53 horizontais, numa escrita egípcia hierática muito bem desenhada e de bonito efeito².

De proveniência desconhecida, foi encontrado num armário do referido Museu, em 1881, ano em que W. Golénischeff o apresentou no V Congresso de Orientalistas, em Berlim, cinco anos depois de se terem encontrado no mesmo local outros dois papiros em muito pior estado de conservação e sem se saber como qualquer deles chegou à Rússia. De um papiro com folha relativamente espessa, foi escrito apenas no verso, tendo sido utilizadas tinta negra e encarnada.

Os três papiros referidos foram alvo de uma publicação fac-similada com transcrição para egípcio hieroglífico por parte de W. Golénischeff, em 1913, tendo sido feita outra transcrição do egípcio hierático para o egípcio hieroglífico do *Conto do Naufrago* em 1972, por A. M. Blackman³.

Curiosamente este papiro é um trabalho assinado. Mas, infelizmente, desconhece-se a história do seu autor, ou do seu pai, também referido. Deduzimos apenas que eram pessoas de condição social elevada e, obviamente, de equivalente formação intelectual.

Embora se confrontem outras fontes, a realização deste trabalho segue, fundamentalmente, as leituras dos papiros realizadas por W. Golénischeff e A. M. Blackman.

Sinopse. Sem que haja uma nomeação, temporização ou localização exactas, embora se possam reconhecer alguns locais, este conto tem sobretudo uma perspectiva simbólica, não

¹ W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 2.

² W. GOLENISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A de l'Ermitage impérial à Saint-Pétersbourg*, p. 2.

³ A. M. BLACKMAN, «The Story of the shipwrecked Sailor», pp. 41-48.



sendo possível encontrar-lhe qualquer dimensão histórica. O capitão de um barco acaba de chegar ao Egípto, provavelmente a Elefantina, vindo de uma expedição à Núbia, que não terá corrido pelo melhor, pois teme enfrentar o faraó, sendo visível na sua única fala que julga ter a vida em perigo. Para o confortar, o narrador e herói do conto, elevado à condição de «companheiro excelente», conta-lhe uma história fantástica, destinada a mostrar-lhe que mesmo nas piores circunstâncias é sempre possível acontecer um milagre. Único sobrevivente de um naufrágio provocado por uma violenta tempestade onde pereceram todos os outros tripulantes do seu barco, acaba por ir parar a uma ilha maravilhosa mas imaginária, a Ilha do Ka, onde se depara com o seu único habitante, um deus serpente. Recebido como algo de insignificante e desprezível, acaba por ser confidente da enorme serpente, nessa terra sagrada de regras rituais precisas. Na linha 151, a serpente afirma claramente «Na verdade, eu sou o soberano do Punt» (*ink is ḥk3 pwnt*), terra mítica de localização incerta mas real, «O País de Deus», de onde vinham muitas riquezas para o Egípto, que também vemos descritas no conto. No fim, o deus serpente permite ao naufrago que regresse ao Egípto e seja feliz.

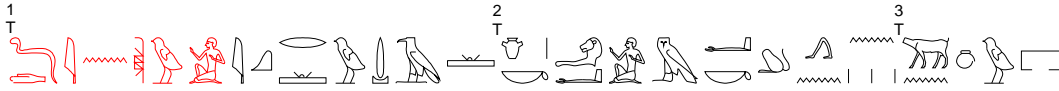


3.2. Texto hieroglífico, transliteração e tradução comentada



CONTO DO NÁUFRAGO





dd.in šmsw ikr wd3 ib.k h3ty-^c mk ph.n.n hnw

Então¹ o excelente **companheiro**² diz: «Sossega o teu coração³, comandante⁴! Vê, nós chegámos à pátria⁵.



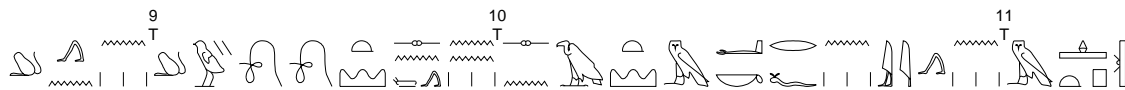
šsp hrpw hwi mnit h3tt rdit hr t3 rdi hknw dw3 ntr

O maço está empunhado, o cabeço de amarração cravado, a amarra da proa posta em terra. Fazemos uma oração. Louvemos deus!



s nb hr hpt snw.f iswt.tn iit ^cdt nn nhw n mš^c.n

Cada um abraça o seu companheiro. A nossa equipagem regressou sã e salva, sem perdas na nossa expedição.



ph.n.n phwy w3w3t sni.n.n snmwt mk r.f n ii.n m htp

Atingimos os confins de Uauat⁶ e passámos Senmut⁷. Eis-nos⁸ de volta em paz



t3.n ph.n sw sdm r.k ni h3ty-^c ink šwi (m) h3w i'i tw

à nossa terra, nós alcançámo-la. **Escuta-me** (ó) comandante, porque eu estou vazio de exagero. Lava-te!



imi mw hr db^c.k ih wšb.k wšd.t(w).k mdw.k n nsw

Põe água sobre os teus dedos e poderás responder quando se dirigirem a ti⁹. Fala ao rei



ib.k m-^c.k wšb.k nn nitit iw r n s nhm.f sw iw mdw.f

com o teu coração na tua mão e responde sem balbuciar. A boca de um homem pode salvá-lo, o seu discurso



di.f t3m n.f hr ir.k m hrt ib.k swrd pw dd n.k sdd.i r.f n.k

pode fazer com que a sua cara se oculte¹⁰. Age segundo o teu desejo. É cansativo falar contigo¹¹! **Eu vou contar-te**



mitt iry hpr m-^c.i ds.i šm.kwi r bi3w n ity h3i.kwi r

qualquer coisa de idêntico ao que me aconteceu¹² a mim próprio, quando me dirigia¹³ para a região mineira do soberano¹⁴. Eu descia em direcção ao



w3d-wr m dpt nt mh 120 m 3w.s mh 40 m shw.s skd 120 im.s

Grande Verde¹⁵ num barco de cento e vinte côvados¹⁶ de comprimento por quarenta côvados de largura¹⁷, com cento e vinte marinheiros em ela¹⁸,



m stpw n kmt m3.sn pt m3.sn t3 m^ck3 ib.sn r m3w

dos melhores do Egipto. Vigiassem o céu ou vigiassem a terra, o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões.



sr.sn d^c n iit(f) nšny n hprt.f d^c pri iw.n m

Eles podiam prever um vendaval antes da sua chegada e uma tempestade¹⁹ antes da sua formação. Um vendaval saiu²⁰ quando estávamos no



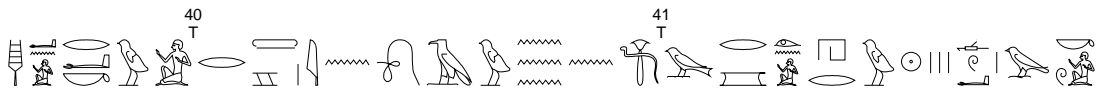
w3d-wr tp-^c s3h.n t3 f3it t3w iri.f whmyt nwy

Grande Verde, antes que conseguíssemos alcançar terra. O vento levantou-se, ele fazia um bramido²¹, e a ondulação



im.f nt mh 8 in ht h3 n.i s(y) h^c.n dpt m(w)t ntyw im.s n sp w^c im

nele era de oito côvados²². Foi a madeira que se partiu a meu favor²³ e depois o barco morreu²⁴. Dos que estavam aí, não restava um só.



h^c.n.i rdi.kwi r iw in w3w n w3d-wr iri.n.i hrw hmt w^c.kwi

Então fui depositado numa ilha por uma vaga do Grande Verde. Passei três dias²⁵ sozinho,



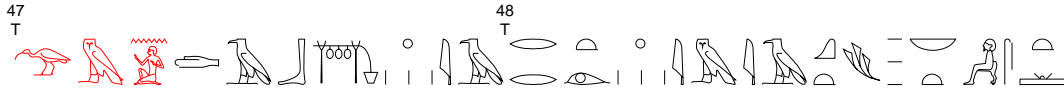
ib.i m snw.i sdr.kwi m-hnw n k3p n ht

(só com) o meu coração por companheiro. Estendido inerte no interior de (um abrigo de) madeira²⁶,



kn̄i.n̄.i šwyt ḥ̄n̄.[i] dwn̄.n̄.i rdwȳ.i r rh̄ d̄it̄.i m̄ r̄.i

eu abraçava a sombra²⁷. Depois estendi as pernas para saber o que havia de pôr na minha boca.



gm̄.n̄.i d̄3bw̄ i3rr̄t̄ im̄ i3kt̄ nbt̄ špst̄

Encontrei ali figos e uvas, todo o tipo de excelentes legumes²⁸,



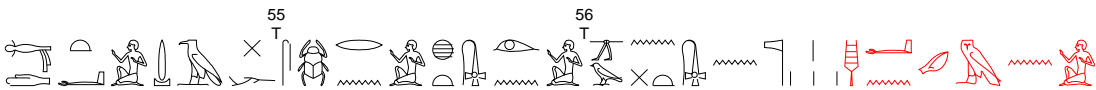
k3w̄ im̄ ḥ̄n̄ n̄k̄wt̄ šspt̄ mī irt̄.s̄ rmw̄ im̄ ḥ̄n̄ 3pdw̄

figos de sicómoro entalhados (estavam) lá assim como figos de sicómoro não entalhados²⁹, e pepinos como se eles tivessem sido feitos; (também) havia lá peixes e aves.



nn̄ ntt̄ nn̄ st̄ m̄-ḥnw̄.f̄ ḥ̄n̄ ss3̄i.n̄(i) wī rd̄i.n̄.i r̄ t3̄ n̄ wr̄ ḥr̄ ḥ̄wȳ.i

não havia nada que não estivesse no interior dele³⁰! Então, saciei-me e pus no chão o que era demasiado sobre os meus braços.



šd̄it̄.i d̄3̄ šḥpr̄.n̄.i ḥt̄ ir̄i.n̄.i sb̄ n̄ sdt̄ n̄ n̄trw̄ ḥ̄n̄ sdm̄.n̄.i

Agarrei num pau para fazer fogo³¹, acendi um fogo e deitei o fogo³² para os deuses. **Foi então que ouvi**



ḥrw̄ k̄rī ib̄.kwī w3̄w̄ pw̄ n̄ w3̄d̄-wr̄ ḥwt̄

um barulho de trovão e imaginei que fosse uma vaga do Grande Verde. As árvores



ḥr̄ gmgm̄ t3̄ ḥr̄ mn̄mn̄ kf̄.n̄.i ḥr̄.ī gmī.n̄.i ḥf3̄w̄ pw̄

estalavam e a terra tremia³³. Destapei a minha cara³⁴ e vi que era uma serpente,



iw̄.f̄ m̄ iit̄ n̄(y)-sw̄ mḥ̄ 30̄ ḥbsw̄.f̄ wr̄.s̄ r̄ mḥ̄ 2̄ ḥ̄fw̄.f̄ šḥrw̄ m̄ nwb̄

era ela enquanto vinha. Trinta côvados pertenciam-lhe³⁵ e a sua barba era maior que dois côvados³⁶. O seu corpo estava coberto de ouro,



inwy.fy m ḥsbd m3c ʿrk sw r ḥnt iw wpi.n.f r.f r.i iw.i ḥr ḥt.i

e as suas sobrelhas³⁷ de verdadeiro lápis-lazúli. Ela inclinou-se para diante. **Então abriu** a sua boca para mim, enquanto eu permanecia sobre o meu ventre



m-b3ḥ.f ḏḏ.f n.i nm ini tw sp-sn nds nm ini tw ir wdf.k

diante dela³⁸, e disse-me: «Quem te trouxe? Quem te trouxe, homenzinho³⁹? Quem te trouxe? Se demoras



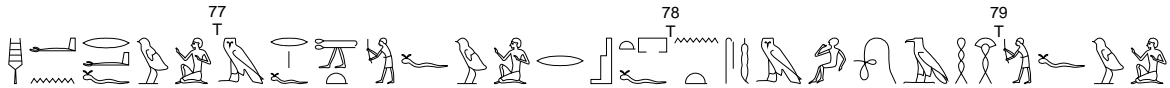
m ḏḏ n.i ini tw r iw pn rdi.i rh.k tw iw.k m ss ḥprt m nty n m3t.f

a dizer-me quem te trouxe para esta ilha, eu farei com que tu te conheças, tu estando na qualidade de cinzas tornar-te-ás naquele que nós não podemos ver



iw mdw.k n.i nn wi ḥr sdm.i st iw.i m-b3ḥ.k ḥm.n(i) wi

«Tu falas-me e eu não escuto (nada) disso! Estou aqui diante de ti, mas eu não me reconheço!»



ʿḥ.n rdi.f wi m r.f iti.f wi r st.f nt sndm w3ḥ.f wi

Então ela pegou-me com a boca e levou-me para o seu lugar de felicidade⁴⁰ (onde) ela me depôs



nn dmit.i wd3.kwi nn itt im.i iw wp.n.f r.f r.i

sem me tocar, de boa saúde e sem nada faltar em mim. **Ela abriu** a boca para mim,



iw.i ḥr ḥt.i m-b3ḥ.f ʿḥ.n ḏḏ.n.f n.i nm ini tw sp-sn nds nm ini tw

enquanto eu permanecia sobre o meu ventre diante dela, e então disse-me: «Quem te trouxe? Quem te trouxe, homenzinho? Quem te trouxe



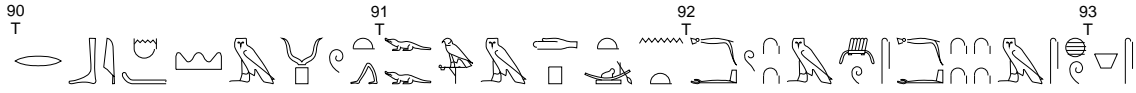
r iw pn n w3d-wr nty gs.fy m nwy ʿḥ.n wsb.n.i n.f st

para esta ilha⁴¹ do Grande Verde, que tem os seus dois lados na água⁴²?» A isto, respondi-lhe então



ʿwy.i ḥ3m m-b3ḥ.f dd.i n.f ink pw ḥ3.kwi

(com) os braços caídos diante dela, dizendo-lhe⁴³: «Eu descia



r bi3w m wpwt ity m dpt nt mh 120 m 3w.s mh 40 m shw.s

para as minas com uma mensagem do soberano, num barco de cento e vinte côvados de comprimento por quarenta côvados de largura.



skd 120 im.s m stpw n kmt m3.sn pt m3.sn t3

Estavam a bordo cento e vinte marinheiros, dos melhores do Egito.

Vigiassem o céu ou vigiassem a terra,



m^ck3 ib.sn r m3w sr.sn ḏ^c n iit.f nšny n ḥprt.f

o seu coração era mais bravo (do que) o dos leões. **Eles podiam prever** um vendaval antes da sua chegada e uma tempestade antes da sua formação.



w^c im nb m^ck3 ib.f nḥt ʿf r snw.f nn wh3

Um em todos o seu coração era bravo, o seu braço estava forte mais do que o do seu companheiro! Não havia nenhum incompetente⁴⁴



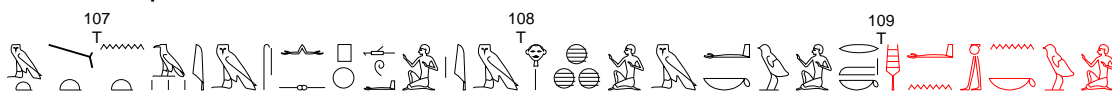
m-ḥr ib.sn ḏ^c pri iw.n m w3d-wr tp^c s3ḥ.n t3 f3it t3w

na presença dos seus corações. Um vendaval eclodiu quando estávamos no Grande Verde, antes que conseguíssemos alcançar terra: o vento levantou-se,



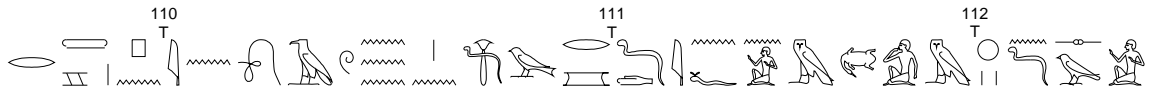
iri.f whmyt nwyf im.f nt mh 8 in ḥt ḥḥ n.i s(y) ʿḥ^c.n dpt

ele bramia e as vagas atingiam os oito côvados. A madeira partiu-se a meu favor e depois o barco



m(w)t.t[i] ntyw im.s n sp w^c im ḥr-ḥw.i mk wi r-gs.k ʿḥ^c.n ini.kwi

morreu. Dos que estavam aí não restou um só, excepto eu, que estou aqui na tua presença. **Então, eu fui depositado**



r iw pn in w3w n w3d-wr dd.in.f n.i m snd m sp-sn nds

nesta ilha por uma vaga do Grande Verde». Então ela disse-me: «Não tenhas medo, não tenhas medo, homenzinho!



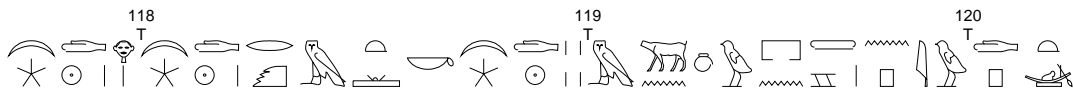
m 3tw hr.k ph.n.k wi mk ntr rdī.n.f ḥḥ.k inī.f tw r iw pn n k3

Não branqueies o teu rosto⁴⁵! Tu estavas-me reservado! Vê, deus fez com que tu vivesses e conduziu-te à ilha do Ka⁴⁶,



nn ntt nn st m ḥnw.f iw.f mh hr nfrwt nbt mk tw r irit

não há nada que não (haja) aí no seu interior. Ela está cheia de tudo o que é bom. Olha! Tu passarás



3bd hr 3bd r kmt.k 3bd 4 m ḥnw n iw pn iw dpt

mês após mês até completares quatro meses no interior desta ilha. Então, um barco



r iit m ḥnw skdw im.s rh.n.k šm.k ḥn^c.sn r ḥnw

virá do (teu) país, com marinheiros teus conhecidos⁴⁷. Tu partirás com eles para o (teu) país⁴⁸



m(w)t.k m niwt.k rš.wy sdd dpt.n.f sn ḥwt mr

e morrerás na tua cidade⁴⁹. **Como é feliz** aquele que pode contar aquilo que experimentou, (depois de) terem passado os acontecimentos maus!



sdd.i r.f n.k mitt iry ḥprw m iw pn wn.i im.f ḥn^c snw.i

Eu vou contar-te então uma coisa parecida que aconteceu nesta ilha. Eu estava aqui com os meus irmãos⁵⁰,



ḥrdw m-ḳ3b.sn km.n.n ḥf3w 75 m

entre os quais havia crianças. Na totalidade éramos 75 serpentes, juntando



128



msw.i ḥn^c snw.i nn sh3.i n.k s3t ktt inī.n.i m sš3

as minhas crianças com os meus companheiros. E não me esquecerei de te mencionar uma filhita que obtive por meio de preces⁵¹!

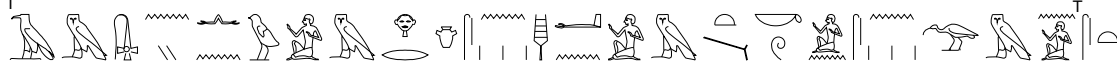
130



ḥ^c.n sb3 ḥ3īw pri.n n3 m ḥt m-^c.f ḥpr.n r.s nn wi ḥn^c

Então, uma estrela caiu⁵² e estes partiram no fogo por causa da sua mão. Isto aconteceu quando eu não estava com (eles),

131



3m.ny nn wi m ḥr-ib.sn ḥ^c.n.i m(w)t.kwi n.sn gm.n.i st

e eles arderam sem que eu estivesse entre eles. Então eu (fiquei como) morto por causa deles, (quando) os encontrei

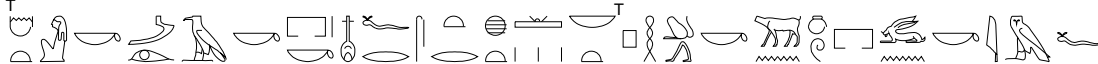
133



m ḥ3yt w^ct ir ḳni n.k d3r ib.k mḥ.k ḳni.k m ḥrdw.k sn.k

numa única pilha de cadáveres. Se és forte, controla o teu coração! Encherás o peito com os teus filhos, beijarás

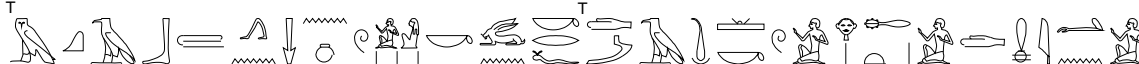
134



ḥmt.k m3.k pr.k nfr st r ḥt nbt pḥ.k ḥnw wn.k im.f

a tua mulher, verás a tua casa. E estas coisas serão o melhor de tudo!
Alcançarás o país onde existias

136



m-ḳ3b n snw.k wn.k r.f dm3.kwi ḥr ḥt.i dmi.n.i

no meio dos teus irmãos e tu existirás de novo⁵³!» Estendido sobre o meu ventre, toquei

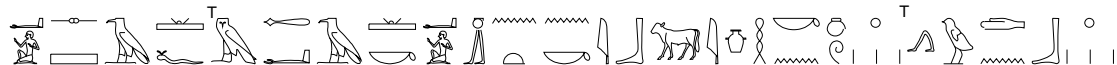
138



s3tw m-b3ḥ.f dd.i r.f n.k sdd.i b3w.k n ity

no chão diante dela. «Deixa-me então dizer-te⁵⁴. Falarei do teu poder ao soberano,

140



dī.i sš3f m ʕ.k dī.i inī.t(w) n.k ibi ḥknw iwdnb

farei com que ele seja informado da tua grandeza. Farei com que te tragam láudano (?), *hekenu, iudeneb*,

141



hs3yt sntr n gsw-prw shtpw ntr nb im.f sdd r.f hprwt

canela (?)⁵⁵ e incenso⁵⁶ dos templos, para agradar a cada deus. Contarei então o que aconteceu



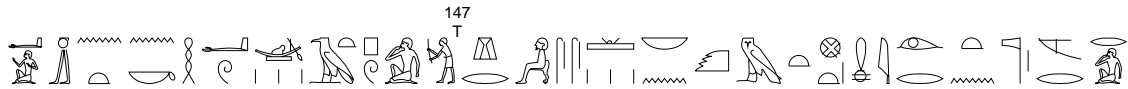
hr.i m m3t n.i m b3w.f dw3-ntr.tw n.k m niwt hft-hr knbt t3

a mim, quando eu vi os seus poderes. Oraremos a deus por ti na cidade⁵⁷, perante os notáveis do país



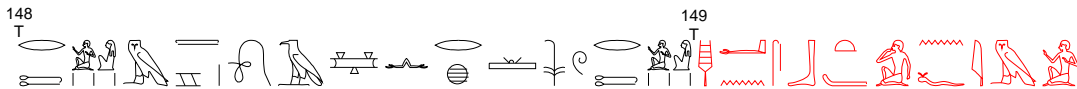
r-dr.f sft.i n.k k3w m sb n sdt w3n.n.i n.k 3pdw

inteiro. **Matarei** para ti touros em imolação, torcerei o pescoço a aves para ti,



di.i ini.t(w) n.k hf.w 3tpw hr spssw nb n kmt mi irrt n ntr mrr

farei com que te tragam barcos carregados de todas as riquezas do Egito, como devemos fazer por um deus que ama



rm3 m t3 w3 n rh sw rm3 hf.n sbt.n.f im.i

os homens, num país longínquo que os homens⁵⁸ não conhecem.» **Então ela riu de mim,**



m nn dd(w).n.i m nf m ib.f dd.f n.i n wr n.k ntyw hpr.t(i) nb sntr

daquilo que eu tinha dito de errado para o seu coração. Ela disse-me: «(Então) a mirra não é importante para ti? Tornaste-te possuidor de incenso?»



ink is hk3 pwnt ntyw n.i im sw hknw pf dd.n.k ini.t(w).f

Na verdade, eu sou o soberano do Punt⁵⁹: a mirra pertence-me! Aquele *hekenu* que tu afirmaste que me trariam,



bw pw wr n iw pn hpr is iwd.k tw r st tn n sp m3.k iw pn

é a coisa mais importante desta ilha⁶⁰! Chegará, na verdade, (o momento) em que deixarás este lugar e jamais voltarás a ver esta ilha



hpr m nwy ḥꜥ.n dpt tf iit mi srt.n.f hnt

que será transformada em ondas⁶¹.» Então esse barco veio, como ele tinha predito anteriormente.



ḥꜥ.n.i šm.kwi rdī.n(i) wi hr ht k̄zi s̄i3.n.i ntyw m-hnw.s

Eu fui, subi a uma árvore alta e reconheci aqueles que estavam no seu interior.



ḥꜥ.n šm.kwi r smit st gmi.n.i sw rh st ḥꜥ.n dd.n.f n.i

Então eu fui para contar isto (à serpente), mas encontrei-a (já) sabedora do assunto. Ela disse-me então:



snb.t(i) sp-sn nds r pr.k m3.k hrdw.k imi rn.i nfr m niwt.k

«Adeus! Adeus, homenzinho! Para tua casa ver os teus filhos! Faz com que o meu nome seja bom na tua cidade!



mk hrwt.i pw im.k ḥꜥ.n rdī.n.i wi hr ht.i ꜥwy.i h3m

Eis os meus bens (que eu espero) de ti⁶²!» Então eu pus-me sobre o meu ventre, (com) os meus braços estendidos



m-b3h.f ḥꜥ.n rdī.n.f n.i sbt m ꜥntyw hknw iwdnb

diante dela, e eis que ela me deu um carregamento de mirra, *hekenu*, *iudeneb*,



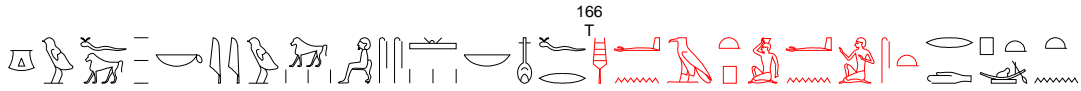
hs3yt tišps š3ꜥsh msdmt sdw nw mm

canela (?), *tichepés*⁶³, *chaasekh*, galena⁶⁴, caudas de girafa,



mrryt ꜥt nt snṯr ndhyt nt 3bw ṯsmw

resina de terebentina, um grande pedaço de incenso⁶⁵, dentes de marfim, cães de caça,



gwfw kyw špssw nb nfr ḥꜥ.n 3tp.n.i st r dpt tn

macacos, babuínos⁶⁶ e todo o tipo de riquezas de qualidade⁶⁷. Depois carreguei isto no barco.



hpr.n rdī.tw.i hr ht.i r dw3-ntr.n.f ḥꜥ.n dd.n.f n.i mk tw r spr r

Ela chegou e eu pus-me sobre o meu ventre para lhe agradecer. Então ela disse-me: «Olha! Chegarás ao



hnw n 3bd 2 mh.k kni.k m hrđw.k rnpy.k m-hnw

país em dois meses, abraçarás os teus filhos e rejuvenescerás no interior



krst.k ḥꜥ.n h3i.kwi r mryt m h3w dpt tn

da tua sepultura⁶⁸.» Então desci até à margem, para junto do barco,



ḥꜥ.n.i hr i3š n mšꜥ nty m dpt tn rdī.n.i hknw hr mryt

e chamei a tripulação⁶⁹ que estava no barco. Dei graças, sobre a margem,



n nb n iw pn ntyw im.s r mitt iry nꜥit pw iri.n.n m hdi r

ao senhor da ilha e aqueles que estavam a bordo fizeram o mesmo⁷⁰.

(Depois) esta viagem feita por nós em (direcção ao) norte, para



hnw n ity spr.n.n r hnw hr 3bd 2 mi ddt.n.f nbt ḥꜥ.n ꜥ.k.kwi

a residência real. Chegámos ao país em dois meses, tal como tudo o que ela tinha dito. Fui então levado



hr ity ms.n.i n.f inw pn inī.n.i m-hnw (n) iw pn ḥꜥ.n dw3-ntr.n.f n.i

à presença do soberano e ofereci-lhe os presentes que tinha trazido da ilha. Então ele agradeceu-me



ḥft-ḥr ḳnbwt t3 r dr.f ḥꜥ.n rdi.kwi r šmsw s3ḥ.kwi m

na presença dos notáveis de todo o país. Então⁷¹ eu fui feito companheiro e dotado de



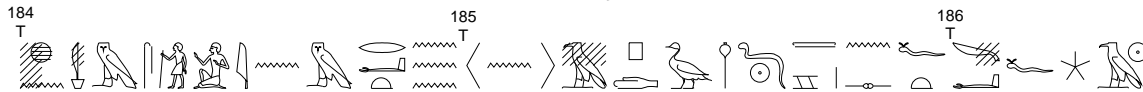
tpw 200 m3 wi r-s3 s3ḥ.i t3 r-s3 m3.i dpt.n.i

200⁷² servidores. «Olha para mim⁷³ depois que eu toquei terra, depois do que eu vi, do que experimentei!



sḏm r k [n r].i mk nfr sḏm n rmt ḥꜥ.n dd.n.f n.i m iri ikr

Ouve, portanto, o que pertence à minha boca⁷⁴! Vê, é bom escutar as pessoas!⁷⁵» Então ele disse-me: «Não faças de excelente,



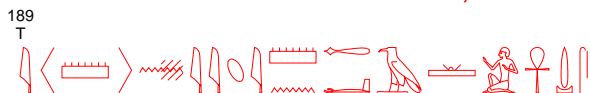
ḥnms.i in m rdit mw [n] 3pd ḥd t3 n sft.f dw3

meu amigo! Quem dará água à ave quando a terra começar a brilhar, para ele ser abatido pela manhã⁷⁶?»



iw.f pw ḥ3t.f r ph.fy mi gmyt m sš [m] sš sš ikr n ḏbꜥ.w.f

E acabou, do princípio ao fim, como o que se encontrou na escritura, na escrita do escriba hábil de seus dedos,



imny s3 imnꜥ3 ḥnh wd3 snb

Amenaá, filho de Ameni⁷⁷. Possa ele viver, prosperar e ter saúde⁷⁸!

**NOTAS:**

- ¹ O início do conto com o recurso à forma narrativa *sdm.in.f*, uma forma verbal que num conto introduz, normalmente, um novo episódio, tem dado corpo à dúvida de que este conto possa estar incompleto, pois o começo tão abrupto, que no entanto não deixa de ser coerente, sugere a hipótese de poder faltar um preâmbulo qualquer.
- ² Companheiro (*šmsw*), lit.: «Aquele que segue», o faraó. Era um dignitário que ajudava o rei a governar o Egipto, numa designação que, aparentemente, deriva de outra bastante mais antiga segundo os «Textos das Pirâmides», do tempo de Pepi I: *šmsw hr*, ou seja, «Aqueles que seguem Hórus». De acordo com a mitologia egípcia eram seres simbólicos que governavam o Egipto primordial, antes da transmissão do poder aos homens na pessoa do faraó, e que o recebiam quando da sua ascensão à eternidade. «Aqueles que seguem o faraó» (*šmsw pr-š3*) seriam os seus representantes na terra. Pode ser traduzido, também, por dependente, alguém que trabalha para outrem. Até à linha 123, inclusive, o texto está escrito em colunas verticais (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 264; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 21).
- ³ Esta é uma forma *sdm.f* imperativa, que era usada frequentemente para introduzir uma notícia.
- ⁴ Cfr. nota número 2 da *História de Sinuhe*.
- ⁵ A palavra *hnw* significa literalmente «interior», sendo frequentemente utilizada em contextos onde significa «palácio real». Contudo, pode ter também o sentido de «casa», o que, neste contexto, significa «país de origem», «pátria» ou «reino». Neste conto, esta palavra aparece como substantivo ou elemento da preposição *m-hnw*, entendida por nós sempre com uma certa ambiguidade, mas que, muito provavelmente, não se punha aos leitores de então, conhecedores das subtilidades da sua escrita que hoje ainda nos escapam (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 202).
- ⁶ Esta região correspondia à Núbia Setentrional, entre a primeira e a segunda catarata. Entre o Nilo e o mar Vermelho, era um país da Baixa Núbia já no final do Império Antigo, tendo estado ao longo da sua história sob domínio egípcio em diversas ocasiões, sobretudo a partir do Império Médio quando foi anexado pela primeira vez para consolidar o poder tebano e a segurança da sua fronteira meridional. Para além das questões político-militares, havia as questões económicas ligadas ao fluxo permanente de minerais, principalmente o ouro, e de produtos exóticos dessa e através dessa região. Servindo de tampão entre o Egipto e Kuch, grande parte do antigo país de Uauat repousa hoje sob as águas do lago Nasser (J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 32-33 e 183; B. MANLEY, *Atlas historique de l'Égypte ancienne*, pp. 26-27, 37, 41, 43, 45, 50-51, 54-55, 60-61, 68-69, 90, 106 e 124).
- ⁷ Senmut é o antigo nome da ilha de Biga, localizada a sul de Assuão ao lado da ilha de Agilka e da ilha de Fila, hoje submersa. É evidente que para atingir as fronteiras de Uauat teriam que passar por esta ilha, localizada mais a norte do que aquela região (J. BAINES e J. MÁLEK, *Egipto. Deuses, Templos e Faraós*, pp. 72-73).
- ⁸ Os signos $\overline{\text{I}} \text{I} \text{I}$, o pronome dependente «nós», foram acrescentados posteriormente entre as colunas 10 e 11 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques, n°s 1115, 1116 et 1116A*, pl. I).
- ⁹ *ih* é uma partícula proclítica que marca o desejo de uma consequência futura. É, claramente, um ritual de purificação que antecede a introdução junto da pessoa real de natureza divina.
- ¹⁰ Faulkner traduz *t3m* por «ocultar», «esconder» e a expressão *t3m hr* por «ocultar a cara = mostrar indulgência». Mas Lichtheim opta pelo verbo «perdoar», que nos parece expressar melhor o provérbio ou máxima a que, provavelmente, corresponderiam estas duas frases (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 303; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 212).
- ¹¹ Provavelmente, estas duas frases transmitem a tomada de consciência do naufrago em relação ao facto de o seu interlocutor ser alguém de condição superior à sua, o comandante do barco, a quem era escusado dar conselhos. Daí que parta de imediato para a narrativa.
- ¹² Aqui começa, verdadeiramente, o *Conto do Naufrago*, sem a garantia de que as linhas anteriores sejam uma pequena introdução completa.
- ¹³ É a primeira pessoa do pseudoparticipio, o «old perfective» de Gardiner, como se pode perceber pela desinência pronominal que acompanha o verbo. Nesta utilização independente, isto é, sem recurso a um substantivo ou a um pronome onde se apoiar, é usado em formas narrativas para indicar uma situação passada, sobretudo com os verbos de movimento (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 234-242).
- ¹⁴ Alguns tradutores encontram aqui a palavra *bi3* e não *bi3w*, como julgamos. A primeira significa «bronze», «um mineral» ou «firmamento», conforme os determinativos, mas só a segunda significa «mina» ou «região mineira»



- ²⁰ É um pseudoparticipio. Começa aqui o relato da tempestade e do naufrágio.
- ²¹ A palavra *whmyt* tem sido traduzida com o sentido de «repetição» e, nesta passagem, assume frequentemente o significado de «duplicação». Faulkner propõe «grande barulho contínuo» ou «grande gritaria contínua», podendo, portanto, significar também «aquele que produz um grito com a voz», sobretudo tendo em conta o determinativo do homem com a mão na boca. O verbo «bramir» parece-nos adequado uma vez que se pode aplicar ao ser humano com o significado de «gritar», «berrar de dor», «paixão» ou «cólera», «exaltar-se»; aos animais, com o significado de «rugir», «soltar a sua voz»; ou até aos elementos, significando produzir «som forte», «retumbante», «sibilante» ou «estrondear». Aliás, Camões, em *Lusíadas*, V, 38 utiliza-o afirmando: «pôs nos corações um grande medo bramindo o negro mar»; e Alexandre Herculano, em *Eurico*, no capítulo 16, diz: «por entre o redemoinhar e bramir do vento e das tempestades» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 67; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 29; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 25; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 34; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 212; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 52; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 92; *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol. 5, p. 21, col. dir.).
- ²² Cerca de 4,2 metros. Muita gente tem questionado como seria possível uma ondulação desta envergadura num rio. Contudo, Vandersleyen tem a resposta: ela «corresponde à chegada rápida e brutal da inundação: a palavra *w3w* não tem senão esse sentido nos outros textos onde se encontra. Quanto à vaga de oito côvados que provocou o naufrágio, ela chamava-se *nwyt* e pertence totalmente ao vocabulário nilótico» (VANDERSLEYEN, *Ouadj our. Un outre aspect de la Vallée du Nil*, pp. 74 e 319). Nem a inundação vinha sempre calma e serena, nem todas as regiões do Nilo são suficientemente largas para as águas subirem paulatinamente. Quem já navegou pelo Nilo, sabe que no Alto Egipto o rio tem passagens bastante estreitas e rochosas, onde não é difícil imaginar uma cena desta natureza, que pudesse ocorrer antes da construção da barragem de Assuão. Acrescente-se que o desnível entre o período mais seco do Nilo e a enchente máxima do rio, elevava as águas a mais de sete metros de altura. No entanto, algumas são tão estreitas, como é o caso da primeira catarata, que é preciso bastante boa vontade para imaginar um barco daquela envergadura a manobrar aí. Textos do Império Médio que relatam expedições punitivas aos Núbios, falam de que os locais estreitos, os remoinhos e outros perigos das cataratas eram ultrapassados retirando os barcos da água, transportando-os às costas por terra e voltando a colocá-los na água mais adiante. Este aparente exagero pode ser um recurso literário para empolgar o leitor (cfr. L. M. ARAÚJO, «Barco», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 142-143).
- ²³ Isto é, ele salvar-se-á graças à madeira à qual se agarrará. É uma construção do tipo *in* + sujeito + participio, que apresenta o pronome reflexo *s(y)* no fim da frase, reportando-se ao substantivo feminino mais próximo de si, *ht*, e não um pronome dependente que se ligue ao longínquo substantivo feminino *nwtj*, o que, aliás, daria uma tradução um pouco diferente: «Foi a madeira que ela partiu em meu favor». Por outro lado, este substantivo é traduzido vulgarmente por «peça de madeira», mas, a contexto, também pode significar «mastro», como sugerem Faulkner, Parkinson, Lichtheim ou Lapidus, e nós usámos em B1,88 no *Conto do Camponês Eloquente*, embora a palavra mais correcta seja *ht-t3w*. Nesta tradução mais literal manteremos «madeira» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 198; D. JONES, *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, p. 128; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 29; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 25; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 34; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 212; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 52; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 92; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 30).
- ²⁴ Para transmitir a ideia de que o barco se afundou, foi aplicado exactamente o mesmo verbo que se utilizava para os seres vivos, uma vez que na cultura faraónica o barco era entendido como uma entidade viva (D. JONES, *A Glossary of Ancient Egyptian Nautical Titles and Terms*, p. 215).
- ²⁵ Vê-se claramente no papiro que os três traços posteriores à palavra «dia» não são o caracter G. Z2, que, conforme se pode confrontar na mesma página com outros exemplos, são normalmente mais pequenos e ligados entre si, sendo portanto o número três (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. II).
- ²⁶ Imaginamos que pudesse ser uma toca no interior de uma árvore oca.
- ²⁷ Isto é, «recolhia-me à sombra», porventura bastante abalado pelo naufrágio.
- ²⁸ O determinativo de *špst*, G. Y1, foi inserido entre as colunas 48 e 49 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. II).
- ²⁹ A palavra «entalhados» assume o significado de «com cortes», «feridos», portanto, «maduros».
- ³⁰ A palavra «dele» refere-se a «ilha», *iw*, que em egípcio é uma palavra masculina.








- ³¹ Seria a produção de fogo pelo processo de fricção de uma vara mais rija num outro pedaço de madeira mais mole. Aliás, os caracteres desta palavra, sugerem isso mesmo: o determinativo G. M3 (𓄏), um ramo, e no início o carácter G. U28 (𓄏), o bilítero *gd*, exactamente uma vara de fazer fogo sobre a madeira a friccionar.
- ³² Os dois determinativos da última palavra da coluna 54, G. Z9 e G. M3 (𓄏), já não cabiam nessa coluna, mas em vez de iniciarem a coluna seguinte, foram escritos junto aos restantes caracteres da palavra, no espaço entre colunas, mas ocupando parte do espaço da coluna 55 que, para não se sobrepor a esses caracteres, acabou por ficar mais curta (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. III).
- ³³ Os verbos *gmgm* e *mmmn* são verbos durativos, que se caracterizam pela repetição de duas das consoantes do seu radical bilítero ou trilítero, e expressam movimentos, ocupações, sons ou outras acções contínuas ou repetidas (A. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 210-211).
- ³⁴ Perante esta situação de terror, teria antes tapado a cara.
- ³⁵ Isto é, 15,75 metros. *n(y) sw* é uma das possibilidades de expressar enfaticamente o adjectivo possessivo, usando o *nisbe* de *n* mais o pronome dependente: *ny wi*, «eu pertença à», *ny tw*, «tu pertences à» (masculino), *ny sw*, «ele pertence à», etc. (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 88-89; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, p. 99).
- ³⁶ Ou seja, mais de 1,05 metros.
- ³⁷ A palavra *iny*, sobranceiras, levanta alguns problemas. Golénischeff lê 𓄏𓄏𓄏 e Blackman, apoiado por um grupo onde pontuam Erman, Gardiner e Möller, lê 𓄏𓄏𓄏. Nós olhamos para o manuscrito e o determinativo que aí consta é 𓄏 e não 𓄏. Tanto mais que este oitavo carácter hierático da coluna 65 é exactamente igual ao décimo primeiro carácter da coluna 63, que não levantou problemas. Confirmamos isto com Goedicke. Depois Faulkner diz que a palavra *in*, 𓄏𓄏𓄏, significa «sobranceiras», mas que é um provável erro de *inh*; nesta palavra, 𓄏𓄏𓄏, acrescenta que pode ter como variante o determinativo 𓄏. Em todo o caso, o que nos parece existir aqui e não ser discutível é a existência de um plural dual (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. III; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, pp. 43-43a; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 6a-6b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 23-24).
- ³⁸ Não só a serpente é apresentada como uma entidade divina, visível nos atributos, a barba, ouro (a cor do sol e dos deuses) e lápis-lazúli (a cor da abóbada celeste), como o náufrago assume a atitude de respeito e adoração às divindades, em particular ao faraó.
- ³⁹ A frase duplica graças ao signo gráfico de repetição 𓄏 [nesta reprodução tão reduzida não é possível visualizar os pontos que existem no interior do carácter G. O50], *sp-sn*; por seu lado, *nḏs*, tanto pode significar «pequeno», como «homem do povo», donde o «homenzinho». O determinativo de «homem» desta palavra, G. A1, foi acrescentado entre as colunas 69 e 70 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 221 e 145; A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, p. 157; W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. III).
- ⁴⁰ Curiosamente, o determinativo habitual da palavra *snḏm*, 𓄏𓄏, G. Y1, foi substituído por G. A17, 𓄏, determinativo de criança. Eventualmente apelando para uma compreensão do local onde se têm os filhos, as crias!
- ⁴¹ Esta passagem é uma repetição das colunas 66 a 71, contudo apresenta algumas pequenas diferenças.
- ⁴² Numa ilha no mar, nunca «os seus dois lados» estariam «na água». De uma forma geral, devido às correntes marítimas estas ilhas têm um lado mais agreste e, o lado oposto, mais protegido, poderá então ser de areal, ou seja, «estar na água». Só um rio, ao passar por ambos os lados de uma língua de terra, produz uma ilha que pode ter os dois lados opostos de areal. Aliás, a expressão «os seus dois lados» só é compreensível se entendermos que é a corrente que dá sentido a essa orientação (C. VANDERSLEYEN, «En relisant le Naufragé», p. 1023).
- ⁴³ Inicia-se aqui uma série de repetições de frases, que apresentam por vezes algumas pequenas variantes, sobretudo ao nível de determinativos.
- ⁴⁴ Tanto Blackman quanto outros que se lhe seguiram, omitem na palavra *wh3* o carácter 3 (𓄏), G. G1. Contudo, Golénischeff apresenta-o, pelo simples facto de ele existir no manuscrito e ser, de facto, esse carácter (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. IV; A. M. BLACKMAN, *Middle-Egyptian Stories*, p. 44; H. GOEDICKE, *Old Hieratic Paleography*, pp. 14a-14b; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, p. 68; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, linha 65; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 42).
- ⁴⁵ A palavra *3tw* é uma variante de *3yt* (𓄏𓄏𓄏), «branquear». Temos aqui três frases em que foi empregue o imperativo negativo *m* (𓄏), G. D17 (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 3 e 4).



- ⁴⁶ A noção de *ka* escapa às nossas categorias racionais: ela congrega todas as noções relativas às forças vitais, tanto nos seus aspectos espirituais como materiais. Era ao mesmo tempo uma energia criadora e conservadora de vida. Era alimento e vitalidade de Maat, que mantinha tanto a ordem cósmica quanto a ordem entre os homens, vivos ou mortos. Era um dos elementos integrantes do ser humano, tal como o *ba* e o *akh*, os dois outros princípios espirituais que os Egípcios criam constituir a totalidade harmónica do ser, humano ou divino, ou como o corpo ou o nome, sem os quais também não era possível viver (cfr. L. M. ARAÚJO, «Akh», «Ba» e «Ka», em *Dicionário do Antigo Egipto*, pp. 40-41, 131-132, 469-470).
- ⁴⁷ Não nos parece que seja a forma verbal activa pretérita *sdm.n.f*, a que os franceses chamam *accompli, rh.n.k*, «que tu conhecias», uma vez que o naufrago continua vivo, mas antes o pseudoparticipio *rh.(w) n.k*, «conhecidos de ti».
- ⁴⁸ O último carácter da coluna 122 foi acrescentado entre esta e a coluna 123, a última das nove páginas em colunas. Aproximadamente do meio para baixo encontra-se em branco. Com o número 124 começa uma nova secção de seis páginas com o texto escrito em linhas, que continuarão até à linha 176.
- ⁴⁹ Vimos também em Sinuhe qual a importância para os Egípcios de morrerem na sua terra.
- ⁵⁰ Aparentemente no sentido de comunidade.
- ⁵¹ Será, porventura, uma filha da serpente obtida através de um acto de magia. Uma deusa ou uma representante da raça humana?
- ⁵² O autor, ou pelo menos o mentor do conto, pode ter observado ou sabido da queda de algum meteorito, e essa observação astronómica ter ficado registada desta forma.
- ⁵³ A maioria das traduções consultadas termina o discurso da serpente com a expressão «no meio dos teus irmãos», como são os casos de Erman, Lefebvre, Lichtheim, Parkinson, Simpson ou Lapidus. Contudo, Le Guilloux chama-nos a atenção para o facto do discurso poder acabar depois de *wn.k rf*, «tu existirás portanto». O que nos parece bastante lógico: se o naufrago for forte e se controlar, voltará a ver a família, os amigos e o seu país, terminando a sua aventura e recomeçando uma nova vida, ou seja, existindo de novo. Vandersleyen diz muito claramente que a «sintaxe egípcia permanece misteriosa» e que «as razões de ligar certas proposições entre elas não são frequentemente explícitas» (M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 46; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, pp. 51-53; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 214; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 95; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 33; C. VANDERSLEYEN, «En relisant le Naufragé», p. 1020).
- ⁵⁴ Também esta passagem não é consensual. Há quem se mantenha fiel ao manuscrito, como nós, e quem corrija a frase para *dd.i rf n.f*, traduzindo por «E eu disse-lhe então» ou similar. Sem dúvida que esta é a fórmula mais corrente, mas neste texto existem outros dois exemplos de transições entre interlocutores que escapam à normalidade: linhas 73-74 e 135-136 (M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 47; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 53; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 37; M. LICHTHEIM, *Ancient Egyptian Literature*, vol. I, p. 214; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 95; A. ERMAN, *Ancient Egyptian Poetry and Prose*, p. 33).
- ⁵⁵ São quatro essências que não estão identificadas com exactidão. O *ibi* poderá ser o láudano, o *hekenu* era um óleo sagrado, um perfume ou um incenso (para Parkinson é «malabathrum»), o *iudeneb* uma substância aromática de origem africana (para Parkinson é «terebintina»), e o *khesait* pode ser uma substância aparentada com a canela ou a própria canela (para Parkinson é «bálsamo» e para Simpson é «cássia») (G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 37; M. LAPIDUS, *La quête de l'île merveilleuse*, p. 47; P. LE GUILLOUX, *Le Conte du Naufragé*, p. 55; R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 15, 179, 205 e 234; W. K. SIMPSON, *The Literature of Ancient Egypt*, p. 55; B. MENU, *Petite Grammaire de l'Égyptien Hiéroglyphique à l'usage des débutants*, pp. 27, 28, 155, 173 e 192; R. B. PARKINSON, *The Tale of Sinuhe*, p. 96).
- ⁵⁶ Na palavra *sntr* falta no manuscrito o carácter inicial G. R8 (𓂏) que aparece nos restantes casos em que esta palavra surge neste manuscrito (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiéroglyphiques, n°s 1115, 1116 et 1116A*, pl. VI).
- ⁵⁷ A cidade certamente que seria a cidade onde estava o soberano, a capital.
- ⁵⁸ Nesta frase e neste contexto «os homens» são os Egípcios.
- ⁵⁹ O Punt foi objecto de numerosas expedições egípcias, entre a V dinastia e a Época Greco-Romana, muitas das quais sobreviveram em vários tipos de relato, dando a região como origem da mirra, do incenso e de outras substâncias aromáticas, bem como de ouro, marfim, madeiras exóticas, entre as quais o ébano, e diversas espécies animais, locais ou provenientes de outras regiões africanas. Para além do exotismo, esta terra era também mítica,



- ⁶⁹ No início do papiro, nas frases 7 e 8, não se levantou qualquer dificuldade. Como para a tripulação foi usada a expressão *iswt.sn*, «a nossa equipagem», neste contexto não havia dúvida para a tradução da palavra *ms^c* por «expedição», que sabemos também poder significar «soldados» ou «exército». Nesta passagem continua a justificar-se essa tradução porque o contexto se mantém. Todavia, porque em nosso entender foneticamente resulta melhor aqui, preferimos usar o sinónimo «tripulação» (R. O. FAULKNER, *A Concise Dictionary*, pp. 30 e 119).
- ⁷⁰ O pronome sufixo *.s* refere-se a barco, que era onde estavam os marinheiros, que em egípcio era uma palavra feminina. Parece-nos mais lógico o naufrago e os marinheiros darem graças a uma reconhecida divindade que lhes carregou o barco com todas aquelas riquezas e os deixa partir, do que o naufrago dar graças à divindade e aos marinheiros.
- ⁷¹ Com esta palavra entramos na última página do manuscrito. Está redigido em colunas e é a única página que apresenta deterioração: na parte superior existem nove pequenas lacunas que destruíram parcial ou totalmente um, dois ou três caracteres iniciais de algumas colunas; na parte inferior as colunas terminam mesmo na raia do papiro, apenas deixando incompletos os dois últimos caracteres da linha 180.
- ⁷² Há aqui outra divergência, desta vez de transcrição do hierático para o hieroglífico. Uns lêem o quinto caracter hierático desta linha (quinto e sexto hieroglíficos) como  e outros como . Goedicke mostra-nos que a confusão é bem possível: há manuscritos hieráticos onde são praticamente iguais. Analisámos então outros caracteres *f* do papiro e verificámos que os *f* são sempre semelhantes entre si e ligeiramente diferentes deste caso (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, pl. VIII; H. Goedicke, *Old Hieratic Paleography*, 18a-18b e 53a-53b).
- ⁷³ Depois de fazer o relato da sua aventura, o naufrago dirige-se de novo ao comandante.
- ⁷⁴ Há espaço para a hipótese avançada por Golénischeff: , ficando então *sdm r.k n r.i*, que literalmente se traduz por: «Ouve, portanto, o que pertence à minha boca!» Mas é também possível que estivesse apenas *sdm r.k n.i*, ou seja, «Ouve-me, portanto!», como sugere Lefebvre, que encontrou esta expressão completa em *Lebensmüde*, 67 (W. GOLÉNISCHEFF, *Les papyrus hiératiques*, n^{os} 1115, 1116 et 1116A, p. VIII; G. LEFEBVRE, *Romans et Contes*, p. 39).
- ⁷⁵ Esta frase parece ser uma referência sapiencial. Aliás, sabemos da importância de «escutar» para os Egípcios: os sábios escutavam antes de falar e os imprevidentes falavam antes de escutar!
- ⁷⁶ Até aqui, este conto foi um monólogo. Esta é a única fala do comandante e parece que ele está condenado. Fala com um ar sapiencial e com este último provérbio parece querer dizer ao naufrago que não valia a pena ter demorado tanto com o relato, uma vez que, de qualquer modo, será punido brevemente. Uma vez que se segue o cólofon, não seria no fim que estaria a resposta a esta questão. Provavelmente haveria mesmo uma introdução onde eram apresentados os interlocutores e a problemática do conto!
- ⁷⁷ Como referimos na nota 26 do *Conto do Camponês Eloquentemente*, a propósito de Rensi, filho de Meru, o hieróglifo G. H8 () é o determinativo de ovo. Surge aqui numa situação específica criada no Império Médio, a partir da XII dinastia, com o aparecimento na escrita hierática do método invertido para expressar filiação, passando-se a fazer a contracção de G. G39 (). Contudo, a sua substituição pelo hieróglifo G. H8, segundo Gardiner, só ocorreria na XIX dinastia, não aparecendo mais cedo senão em situações convencionais (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 66 e 474; cfr. nota 26 do *Conto do Camponês Eloquentemente*).
- ⁷⁸ É uma fórmula habitual empregue inicialmente como atributos conferidos ao rei ou a um elemento honorável da sociedade egípcia, particularmente em cartas, como desejo de um futuro longo, próspero e saudável. Isto levamos a admitir que o pai do redactor, Ameni, e/ou o próprio redactor, Amenaá, fossem considerados pessoas importantes na época da redacção do papiro. Sobretudo a partir da XVII dinastia surge também aplicada a outros termos ligados à realeza, como *pr-nsw* e *pr-^c3* no *Papiro Westcar*, formulando igual desejo em relação à casa real e ao palácio, não aos edifícios, mas como colectivos da instituição real. Aqui, por se encontrar no final do texto, apresentamo-la completa, mas, noutros casos, como já aconteceu no terceiro conto do referido *Papiro Westcar*, por exemplo, escrevê-la-emos de forma abreviada, v. p. s., por se encontrar sistematicamente no meio do texto e quebrar a sua fluência (A. H. GARDINER, *Egyptian Grammar*, pp. 50 e 239; cfr. nota 55 do *Khufu e os Mágicos*; cfr. nota 1 de *As Profecias de Neferti*).